Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Midiatização e práticas criminosas: circulação, pertencimento e reconhecimento na comunidade Clepto Twitter[1]

Mediatization and criminal practices: circulation, belonging, and recognition in the Clepto Twitter community

Rafael Righi da Silva

Palavras-chave: Midiatização; Práticas Criminosas; Circulação; Plataformas Digitais; Clepto Twitter.

1 Introdução

As plataformas digitais deixaram de ocupar uma posição meramente instrumental nos processos comunicacionais contemporâneos. Mais do que espaços nos quais práticas sociais são posteriormente registradas ou divulgadas, elas participam das condições pelas quais determinadas práticas podem ser realizadas, significadas, compartilhadas e reconhecidas. Nesse sentido, a expansão das plataformas digitais está relacionada à transformação das formas de sociabilidade, produção e circulação de sentidos, construção identitária e pertencimento.

Essa transformação torna-se particularmente relevante quando observamos práticas sociais que, em princípio, dependeriam da clandestinidade. O furto, por exemplo, constitui uma prática cuja realização pressupõe algum grau de ocultamento em relação aos demais atores envolvidos. Entretanto, ambientes digitais possibilitam que ações dessa natureza sejam posteriormente transformadas em relatos, imagens, performances e objetos de interação pública.

É nesse contexto que se situa o Clepto Twitter (CleptoTwt), subcomunidade

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

existente na plataforma X, anteriormente denominada Twitter, constituída por usuários

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário da Rede Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

que compartilham experiências relacionadas à prática de furtos em estabelecimentos comerciais. A comunidade utiliza hashtags, perfis, grupos e códigos linguísticos próprios, por meio dos quais os participantes relatam experiências, apresentam objetos furtados, comentam situações vivenciadas e estabelecem formas específicas de reconhecimento entre os membros.

A existência desse coletivo produz uma questão comunicacional particularmente relevante: o que acontece com uma prática baseada na clandestinidade quando ela passa a ser objeto de exposição e circulação pública? Se o furto depende, em alguma medida, da invisibilidade para ser realizado, por que seus participantes produzem e compartilham publicamente narrativas sobre essas experiências?

A hipótese exploratória desenvolvida neste trabalho é que essa aparente contradição entre clandestinidade e exposição constitui justamente uma dimensão importante do fenômeno. Em um contexto midiatizado, a visibilidade pode adquirir valor para os próprios participantes, na medida em que a exposição da prática possibilita reconhecimento, interação e pertencimento dentro do coletivo. O risco de tornar pública uma prática ilegal não elimina necessariamente seu valor comunicacional; em determinadas circunstâncias, pode inclusive participar da produção de status e reconhecimento entre pares.

Assim, o objetivo deste estudo é compreender como processos de midiatização se relacionam com a constituição e circulação simbólica do Clepto Twitter, especialmente a partir das relações entre clandestinidade, visibilidade, risco, reconhecimento e pertencimento. Busca-se compreender, portanto, não apenas como o furto passa a circular nas plataformas, mas como sua circulação modifica as condições pelas quais essa prática é socialmente significada.

2 Procedimentos metodológicos

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Optou-se por um estudo qualitativo de ambientes digitais, ao considerar a plataforma como espaço de produção de práticas, relações e significados. Dessa forma, a investigação foi desenvolvida a partir de um monitoramento exploratório da plataforma X, realizado durante dois dias. Foram observadas publicações públicas associadas à hashtag #cleptotwt e a suas principais variantes, entre elas #kleptotwt, #cleptotwitter, #kleptogirls, #clepto e #klepto, além da comunidade "Kleptotwt", disponível na função "Comunidades" da plataforma.

Hine (2015) argumenta que a pesquisa sobre a internet precisa considerar a articulação entre experiências online e offline, evitando compreender o ambiente digital como um domínio isolado da vida social. Perspectiva particularmente pertinente ao caso estudado, uma vez que a prática analisada ocorre fisicamente em estabelecimentos comerciais, mas adquire outras dimensões quando passa a ser narrada e compartilhada na plataforma.

Kozinets (2015), por sua vez, destaca que pesquisas qualitativas em ambientes digitais exigem atenção à delimitação das comunidades, à seleção do material e às especificidades éticas envolvidas na pesquisa de conteúdos online. Nesse sentido, o presente estudo restringe-se à observação de conteúdos públicos e não busca identificar os usuários responsáveis pelas publicações.

O corpus exploratório foi analisado a partir de quatro eixos principais: (1) formas de apresentação e circulação dos furtos; (2) códigos linguísticos e simbólicos utilizados pela comunidade; (3) manifestações de reconhecimento, pertencimento e avaliação entre os participantes; e (4) discursos de legitimação ou contestação da prática.

3 Midiatização e transformação da prática clandestina

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A compreensão do Clepto Twitter exige deslocar a concepção das plataformas como simples ferramentas de comunicação. Para Gomes (2018), a midiatização implica uma transformação da própria ambiência social, na qual os processos comunicacionais passam a participar da constituição das experiências cotidianas. A questão, portanto, consiste em compreender como as condições comunicacionais produzidas pela plataforma participam da própria organização das práticas sociais.

Já Hepp (2012) contribui para essa compreensão ao observar que, em culturas de midiatização, a vida cotidiana passa a ser profundamente moldada pelas mídias e pelas infraestruturas técnicas que sustentam a comunicação. Isso não significa afirmar que as plataformas determinam as práticas dos indivíduos, mas que elas passam a integrar as condições nas quais essas práticas são produzidas e interpretadas.

O CleptoTwt permite observar essa transformação de maneira particularmente evidente. O furto acontece presencialmente e não depende, em sua realização imediata, da existência da plataforma. Entretanto, sua existência social não necessariamente termina com a retirada do objeto do estabelecimento. Quando a experiência é fotografada, narrada e publicada, ela adquire uma segunda dimensão: transforma-se em conteúdo comunicacional submetido à circulação e à avaliação de outros participantes.

Essa transformação pode ser compreendida a partir da circulação. Fausto Neto (2013) chama atenção para o fato de que a circulação não deve ser entendida como simples passagem de uma mensagem entre produção e recepção. Os discursos são apropriados, transformados e ressignificados ao circular. Aplicada ao objeto deste estudo, essa perspectiva permite observar que a publicação sobre um furto não representa simplesmente uma documentação posterior da ação. Ao entrar em circulação, a experiência passa a receber comentários, avaliações e interpretações, podendo ser reconhecida, questionada ou incorporada aos repertórios compartilhados pela comunidade.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A Figura 1, por exemplo, apresenta uma publicação em que objetos furtados são exibidos aos demais participantes.



Figura 1: exemplo de post sobre itens furtados

A relevância da imagem não está apenas no fato de ela mostrar objetos provenientes de um furto. Sua publicação transforma esses objetos em elementos de uma narrativa pública. Aquilo que, no momento da ação, constitui uma experiência individual passa a funcionar como signo de uma experiência compartilhada. O objeto deixa de ser apenas mercadoria apropriada e passa a desempenhar também uma função comunicacional: ele demonstra uma experiência, produz uma narrativa e possibilita uma resposta dos demais participantes.

É nesse ponto que a midiatização modifica a prática. A plataforma não cria o furto, mas cria condições para que a experiência do furto seja prolongada por meio da

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

comunicação. A prática deixa de possuir apenas uma dimensão presencial e passa a incluir uma dimensão de apresentação pública, circulação e reconhecimento.

4 Entre clandestinidade e exposição: risco, visibilidade e reconhecimento

A principal tensão identificada no fenômeno está na relação entre clandestinidade e exposição. O furto constitui uma prática que, para ser realizado com sucesso, depende da capacidade de não ser identificado. Entretanto, a publicação posterior da experiência produz justamente um movimento em direção à visibilidade.

Essa contradição é central para compreender o CleptoTwt. A exposição pública não pode ser interpretada simplesmente como ausência de percepção do risco envolvido. Ela precisa ser observada também como uma prática comunicacional que pode produzir benefícios simbólicos no interior da comunidade.

A publicação de um relato ou de uma imagem sobre um furto pode funcionar como demonstração de experiência, como convite à interação e como mecanismo de reconhecimento entre pares. Nesse sentido, existe uma relação potencial entre risco e retorno simbólico: quanto maior a exposição de uma prática que deveria permanecer clandestina, maior pode ser também o valor comunicacional atribuído à demonstração dessa experiência dentro do coletivo.

Essa dinâmica aparece de forma particularmente clara nos relatos de participantes que afirmam ter sido identificados ou punidos após situações de furto. A Figura 2 apresenta um exemplo desse tipo de publicação.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)



Figura 2: relato de seguidor que foi identificado e punido

A publicação é significativa porque introduz no circuito comunicacional uma dimensão que poderia permanecer restrita à experiência individual: o risco de ser descoberto. O relato transforma a experiência de punição em conhecimento compartilhado. Dessa forma, a própria consequência negativa da prática pode ser incorporada à comunicação do grupo e produzir novas interações.

O que se observa, portanto, é uma dinâmica na qual clandestinidade e visibilidade não funcionam simplesmente como opostos. A primeira permanece necessária à realização da prática, enquanto a segunda pode adquirir importância para sua dimensão social e simbólica. O participante precisa ocultar a prática diante de determinados públicos, mas pode simultaneamente torná-la visível diante de um público específico que reconhece e compartilha seus significados.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A plataforma, nesse sentido, permite uma espécie de segmentação da visibilidade. A experiência que deve permanecer oculta diante de funcionários, autoridades ou outros atores externos pode ser apresentada a uma audiência percebida como pertencente ao mesmo coletivo.

Essa dinâmica aproxima-se da discussão de Hepp (2012) sobre culturas de midiatização, nas quais as formas de pertencimento e conexão social passam a ser constituídas em ambientes profundamente atravessados por mídias. O reconhecimento não ocorre apenas por meio da presença física ou da experiência compartilhada diretamente, mas também através da circulação de narrativas, imagens e símbolos.
Assim, a exposição do furto pode desempenhar uma função que ultrapassa a simples exibição. Ela pode demonstrar pertencimento: publicar significa também apresentar-se como alguém que domina os códigos e repertórios daquele coletivo.

5 Códigos, dispositivos interacionais e produção do pertencimento

A existência do coletivo depende não apenas da presença de conteúdos relacionados ao furto, mas também de formas específicas de interação. É nesse ponto que o conceito de dispositivos interacionais, proposto por Braga (2011), torna-se produtivo.

Para Braga (2011), os dispositivos interacionais constituem lugares de observação dos sistemas de relações que se organizam em processos comunicacionais concretos. A partir dessa perspectiva, o CleptoTwt pode ser compreendido não simplesmente como um agrupamento de usuários, mas como um conjunto de práticas comunicacionais que organiza formas específicas de reconhecimento, interação e pertencimento.

Um dos elementos mais evidentes desse processo é a constituição de repertórios linguísticos próprios. Durante o monitoramento foram identificados usos recorrentes de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

gírias, abreviações, símbolos, emojis e outras formas de codificação utilizadas pelos participantes para falar sobre suas experiências.

Entre os termos observados aparecem expressões como “mirtilar”, “sacolar”, “ratar”, “colheita”, “brincadeirinha” e “comprinhas”, além de usos recorrentes de emojis associados a determinados significados compartilhados pela comunidade.

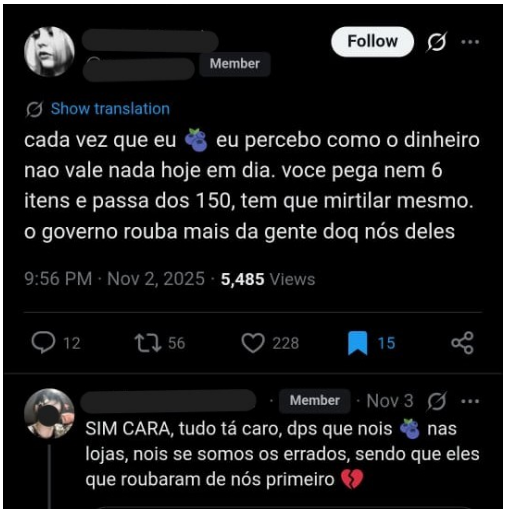

Figura 3: exemplo de uso de códigos e símbolos compartilhados pela comunidade

Esses recursos desempenham uma função que ultrapassa a substituição de determinadas palavras. Eles contribuem para estabelecer uma fronteira simbólica entre aqueles que compreendem os códigos e aqueles que não os compreendem. O domínio dessa linguagem constitui, portanto, uma forma de competência comunicacional que permite reconhecer outros participantes como integrantes ou simpatizantes do coletivo.

O uso de códigos também revela uma característica importante da relação entre comunicação e pertencimento: comunicar-se adequadamente dentro de determinado grupo pressupõe compartilhar repertórios específicos. Assim, a linguagem não apenas descreve a prática; ela participa da produção do próprio coletivo.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A esse respeito, é importante evitar uma interpretação exclusivamente instrumental dos códigos, como se sua única função fosse ocultar determinadas palavras. Embora a codificação possa dificultar a compreensão por públicos externos, ela simultaneamente produz reconhecimento interno. O significado de determinados termos, símbolos e emojis depende justamente de sua circulação entre participantes que compartilham repertórios semelhantes.

A comunidade, portanto, não é constituída apenas porque pessoas realizam práticas semelhantes, mas porque essas pessoas desenvolvem formas comunicacionais por meio das quais podem reconhecer umas às outras.

Esse aspecto é especialmente relevante diante do caráter anônimo ou pseudônimo de muitos perfis observados. Nesses casos, o reconhecimento não depende necessariamente da identidade civil do indivíduo. Ele pode ser produzido a partir da repetição de determinados modos de falar, publicar, comentar e interagir.

O pertencimento, dessa forma, emerge do próprio processo comunicacional.

6 A construção de legitimidade moral

Outro aspecto identificado no monitoramento refere-se aos discursos utilizados para conferir legitimidade à prática. Parte das publicações observadas relaciona o furto a críticas ao capitalismo, ao consumo e às grandes empresas. Nesses discursos, a apropriação de produtos pertencentes a grandes corporações pode ser apresentada como uma prática moralmente distinta de outras formas de furto.

O interesse analítico desse repertório não está em verificar se a justificativa é verdadeira ou falsa, mas em compreender sua função dentro da comunidade. Uma prática socialmente classificada como criminosa necessita, no interior do coletivo, ser acompanhada por processos de interpretação capazes de torná-la aceitável, justificável ou mesmo positiva para aqueles que dela participam.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Nesse sentido, o discurso anticapitalista pode ser compreendido como um repertório de legitimação moral. Ele desloca a interpretação do furto individual para uma narrativa mais ampla sobre consumo, desigualdade e poder econômico. O estabelecimento comercial deixa de aparecer apenas como vítima individual e passa a ser representado como parte de uma estrutura econômica considerada injusta.

Esse processo não significa que todos os participantes compartilhem uma posição política coerente ou que a comunidade possa ser definida simplesmente como um coletivo anticapitalista. O que a análise permite observar é que determinados discursos são mobilizados para atribuir sentidos moralmente favoráveis à prática.

Essa construção também pode ser tensionada por discursos externos. Publicações críticas à comunidade acusam seus participantes de romantizar ou estetizar a criminalidade.



Figura 4: críticas externas à comunidade

A presença desses discursos evidencia que o sentido da prática não é produzido exclusivamente pelos integrantes do CleptoTwt. As plataformas constituem espaços nos quais diferentes públicos podem disputar a interpretação de um mesmo acontecimento. O furto pode ser significado, simultaneamente, como diversão, conquista, resistência, transgressão, crime ou comportamento socialmente problemático. Essas interpretações

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

não permanecem isoladas. Elas entram em circulação, entram em conflito e podem ser incorporadas ou rejeitadas pelos diferentes participantes.

Nesse sentido, a midiatização não produz apenas a circulação de uma prática, mas também a circulação dos conflitos em torno de sua legitimidade.

7 O Clepto Twitter como circuito de circulação e reconhecimento

A partir das dimensões discutidas, é possível compreender o CleptoTwt como um circuito comunicacional no qual diferentes elementos se articulam: a realização presencial do furto, a produção de relatos e imagens, sua publicação na plataforma, a interação dos demais participantes, a atribuição de reconhecimento e a disputa de sentidos com públicos externos.

O conceito de circuito, em Braga (2012), permite compreender processos comunicacionais que não se encerram na produção de uma mensagem nem podem ser reduzidos a uma relação linear entre emissor e receptor. Os sentidos são continuamente reelaborados à medida que os conteúdos circulam e encontram diferentes interlocutores.

No CleptoTwt, esse processo pode ser representado de forma simplificada: prática presencial - relato ou registro publicação - interação - reconhecimento/contestação - ressignificação da experiência.

A importância desse circuito está no fato de que ele modifica a própria experiência social da prática. O furto realizado presencialmente pode produzir uma experiência individual. A publicação, porém, permite que essa experiência seja incorporada a uma memória coletiva do grupo, seja avaliada por pares e seja relacionada a outras experiências semelhantes.

O circuito também permite que o conhecimento sobre a prática seja acumulado coletivamente. Experiências de sucesso, fracasso, reconhecimento e punição tornam-se

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

relatos que podem ser retomados por outros participantes. Trata-se de circulação de experiências e interpretações.

Essa dinâmica ajuda a explicar por que a plataforma é mais do que um espaço de divulgação. Ela funciona como uma infraestrutura na qual a prática pode adquirir continuidade social.

A midiatização, portanto, não deve ser entendida aqui como digitalização de uma prática previamente existente. O que está em jogo é uma transformação das condições de sua existência social. O furto passa a possuir uma dimensão comunicacional própria, na qual ser visto, comentado e reconhecido pode fazer parte da experiência.

8 Considerações finais

A análise exploratória do Clepto Twitter permite observar uma tensão fundamental entre clandestinidade e visibilidade. O furto constitui uma prática cuja realização depende, em alguma medida, da capacidade de permanecer oculto diante de determinados atores. Entretanto, no ambiente da plataforma, a experiência pode ser transformada em narrativa pública, imagem, relato e objeto de interação.

Essa transformação evidencia uma dimensão importante dos processos de midiatização. A plataforma não cria a prática do furto, mas participa das condições pelas quais essa prática passa a adquirir existência social ampliada. A experiência presencial pode ser prolongada por meio da circulação, da interação e do reconhecimento.

O principal argumento desenvolvido neste trabalho é que essa circulação não deve ser compreendida como exposição posterior de uma prática já concluída. Ao ser inserido em circuitos comunicacionais, o furto pode assumir novas funções simbólicas. A publicação pode produzir reconhecimento entre pares, demonstrar pertencimento e integrar o indivíduo a um repertório coletivo. Assim, a visibilidade não representa

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

simplesmente o oposto da clandestinidade: ela pode constituir uma dimensão complementar da prática, dirigida a públicos distintos e organizada segundo diferentes regimes de exposição.

Os códigos linguísticos e simbólicos identificados no monitoramento reforçam essa interpretação. Gírias, expressões, símbolos e emojis funcionam como recursos comunicacionais e como marcadores de pertencimento. Seu domínio permite distinguir aqueles que participam dos repertórios compartilhados daqueles que permanecem externos ao coletivo.

Também foi possível observar que a comunidade produz repertórios próprios de legitimação moral. Discursos relacionados ao capitalismo, ao consumo e às grandes corporações podem ser mobilizados para conferir sentidos positivos ou justificáveis a uma prática considerada criminosa por públicos externos. Paralelamente, críticas à comunidade revelam que esses sentidos permanecem em disputa.

Desse modo, o CleptoTwt pode ser compreendido como um circuito comunicacional no qual prática, linguagem, reconhecimento, pertencimento e disputa moral se articulam. A relevância do caso para os estudos de midiatização está justamente em evidenciar que a presença das plataformas não se limita à ampliação da audiência de práticas sociais preexistentes. As plataformas participam da transformação das próprias condições de visibilidade, circulação e reconhecimento dessas práticas.

Embora exploratório e limitado pelo curto período de observação, o estudo aponta para a necessidade de investigações posteriores que acompanhem o fenômeno por períodos mais extensos, ampliem o corpus e aprofundem a análise das relações entre risco, exposição, pertencimento e reconhecimento. Também seria relevante investigar de que maneira diferentes públicos interpretam e disputam os sentidos atribuídos à prática e como mudanças nas condições técnicas e de moderação da plataforma interferem na organização da comunidade.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O caso do Clepto Twitter, portanto, permite pensar uma questão mais ampla: em uma sociedade profundamente atravessada pela midiatização, até mesmo práticas que dependem da clandestinidade podem encontrar na visibilidade um recurso para produzir reconhecimento e pertencimento. É justamente nessa tensão entre ocultamento e exposição que se encontra uma das dimensões comunicacionais mais significativas do fenômeno.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (org.). **Mediação & midiatização.** Salvador: EDUFBA; Brasília, DF: COMPÓS, 2012.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização.** São Leopoldo: Unisinos, 2018.

HEPP, Andreas. **Cultures of mediatization.** Cambridge: Polity Press, 2012.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday.** London; New York: Bloomsbury Academic, 2015.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

KOZINETS, Robert V. ***Netnography**: redefined*. 2. ed. London: SAGE, 2015

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social, 2**: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.